

*BOUVARD &  
PÉCUCHE*

*GUSTAVE FLAUBERT*

Traduzido do original francês por  
PEDRO TAMEN



## IV

Seis meses mais tarde tinham-se tornado arqueólogos; e a casa deles parecia um museu.

No vestíbulo erguia-se uma velha trave de madeira. Os espécimes de geologia atulhavam a escada; e uma enorme corrente estendia-se pelo chão ao longo do corredor.

Tinham retirado a porta entre os dois quartos onde não dormiam e condenado a entrada exterior do segundo para transformar essas duas salas numa só divisão.

Quando se transpunha o limiar esbarrava-se numa pia de pedra (um sarcófago galo-romano) e depois os olhos eram invadidos de quinquilharias.

Encostado à parede em frente estavam um esquentador de camas e, em baixo, dois cães e uma placa de chaminé, que representava um monge acariciando uma pastora. Sobre umas prateleiras em redor viam-se tochas, fechaduras, cavilhas, porcas. O chão desaparecia debaixo de cacos de telhas vermelhas. Uma mesa ao meio exhibia as curiosidades mais raras: a carcaça da touca de uma camponesa de Caux, duas urnas de argila, medalhas, um frasquinho de vidro opalino. Um cadeirão de tapeçaria tinha sobre o espaldar um triângulo de guipura. Um pedaço de cota de malha ornamentava a parede da direita; e, por baixo, umas pontas sustentavam horizontalmente uma alabarda, peça única.

O segundo quarto, para onde se descia por dois degraus, continha os antigos livros trazidos de Paris e os que ao chegarem tinham descoberto num armário cujos batentes haviam sido retirados. Chamavam-lhe a biblioteca.

A árvore genealógica da família Croixmare ocupava por si só toda a parte de trás da porta. No lambrim em ângulo recto o busto a pastel de uma dama vestida à Luís XV emparelhava com o retrato do pai Bouvard. A moldura do espelho tinha como decoração um sombrero de feltro preto e uma monstruosa galocha cheia de folhas, os restos de um ninho.

Em cima da chaminé dois cocos (pertencentes a Pécuchet desde a sua juventude) ladeavam um barril de faiança cavalgado por um camponês. Perto, num cesto de palha, havia uma moeda de décimo de franco oferecida por um pato.

Diante da biblioteca repimpava-se uma cómoda em conchas, com guarnições de pelúcia. O tampo tinha em cima um gato com um rato na boca – uma petrificação de Saint-Allyre – e uma caixa de costura também com conchas; e por cima dessa caixa, uma garrafa de aguardente continha uma pêra-de-bom-cristão.

Mas a maior beleza estava no vão da janela, uma estátua de S. Pedro! A mão direita enluvada apertava a chave do Paraíso, cor verde-maçã; a casula ornamentada com flores-de-lis era azul-celeste, e a tiara, muito amarela, pontiaguda como um pagode. Tinha as faces pintadas, grandes olhos redondos, boca aberta, o nariz torto e arrebicado. Por cima pendia um baldaquino feito de um velho tapete onde se distinguiam dois amores num círculo de rosas – e a seus pés, como uma coluna, erguia-se um pote de manteiga, com estas palavras em letras brancas sobre fundo chocolate: «Executado diante de S.A.R. Monsenhor o duque de Angoulême, em Noron, a 3 de Outubro de 1817.»

Pécuchet via da sua cama tudo aquilo de enfiada – e às vezes até ia ao quarto de Bouvard para aumentar a perspectiva.

Em frente da cota de malha permanecia vago um lugar, o do baú da Renascença.

Ainda não estava pronto. Gorgu ainda trabalhava nele, passando-lhe a garlopa nos painéis, na casa do forno, e ajustando-os e desmontando-os.

Às onze horas almoçava; depois conversava com Mélie e muitas vezes já não tornava a aparecer durante todo o dia.

Para obter peças do género desse móvel, Bouvard e Pécuchet tinham-se posto em campo. O que traziam não se adequava. Mas tinham encontrado uma multidão de coisas curiosas. Vieram-lhes o gosto pelos bibelôs, e depois o amor pela Idade Média.

Começaram por visitar as catedrais; e as altas naves mirando-se na água das pias de água-benta, os vitrais rebrilhando como forros de pedrarias, os túmulos ao fundo das capelas, a luz incerta das criptas, tudo, até a frescura das paredes, lhes causou um frémito de prazer, uma emoção religiosa.

Não tardaram a ser capazes de distinguir as épocas – e, desdenhando dos sacristães, diziam: «Ah, uma abside românica! Aquilo é do século XII! Cá estamos a voltar ao flamejante!».

Tratavam de compreender os símbolos esculpidos nos capitéis, como os dois grifos de Marigny dando bicadas numa árvore em flor. Pécuchet viu uma sátira nos chantres de mandíbulas grotescas em que terminam os arcos de Feuguerolles; e quanto à exuberância do homem obscuro que cobre uma das colunetas de Hérouville, provava, segundo Bouvard, que os nossos antepassados gostavam de brejeirice.

Chegaram ao ponto de já não tolerar o mínimo sinal de decadência. Tudo era decadência – e deploravam o vandalismo, travejavam contra a pintura oca.

Mas o estilo de um monumento nem sempre se adequa à data que lhe é atribuída. O arco de volta inteira, no século XIII, domina ainda a Provença. A ogiva talvez seja muito antiga e há autores que contestam a anterioridade do românico sobre o gótico. Esta falta de certeza contrariava-os.

Depois das igrejas, estudaram os castelos, os de Domfront e de Falaise. Admiravam debaixo da porta os entalhes do rastilho e, chegados ao alto, viam primeiro todo o campo, depois os telhados da cidade, mulheres no lavadouro. A muralha descia

a pique até aos silvados do fosso – e empalideciam ao pensar que houvera homens que por ali tinham subido pendurados em escadas. Ter-se-iam arriscado nos subterrâneos se Bouvard não tivesse a barriga como obstáculo e Pécuchet o temor das víboras.

Quiseram conhecer os velhos solares – Curcy, Bully, Fontenay-le-Marmion, Argouges. Por vezes, na esquina dos edifícios, por detrás da estrumeira ergue-se uma torre carolíngia. A cozinha equipada com bancos de pedra faz pensar em bródios feudais. Outros têm um aspecto exclusivamente bélico, com as suas três cercas visíveis, seteiras debaixo da escada, longas torrinhas de telhados agudos. Depois, chega-se a uma sala onde uma janela do tempo dos Valois, cinzelada como um marfim, deixa entrar o sol quente sobre um soalho de sementes de colza espalhadas. Há abadias que servem de celeiros. As inscrições das pedras tumulares estão apagadas. No meio dos campos, uma empena que ficou de pé – revestida de alto a baixo de hera tremulando ao vento.

Uma quantidade de coisas excitava-lhes a cobiça – um pote de estanho, uma fivela de *strass*, chitas de grandes ramagens. A falta de dinheiro retinha-os.

Por um acaso providencial, desencantaram em Balleroy, em casa de um estanhador, um vitral gótico que tinha o tamanho suficiente para cobrir perto do cadeirão a parte direita da janela até à segunda vidraça. Via-se ao longe o campanário de Chavignolles, o que fazia um efeito esplêndido.

Com a parte de baixo de um armário Gorgu fabricou um genuflexório para colocar debaixo do vitral, porque lhes lisonjeava as manias. Estas eram tão fortes, que lamentavam os monumentos acerca dos quais nada de sabe, como a casa de recreio dos bispos de Sééz.

— Bayeux — diz o Sr. de Caumont — devia ter um teatro. — Em vão procuraram o lugar dele.

A aldeia de Montrecy tem uma pradaria que é célebre devido às medalhas de imperadores que dantes lá se descobriram. Contavam fazer ali uma bela colheita, mas o guarda recusou-lhes a entrada.

Não foram mais felizes quanto à comunicação que existia entre uma cisterna de Falaise e os subúrbios de Caen. Uns patos que lá tinham sido introduzidos reapareceram em Vaucelles, grunhindo: — «Can can can» — de onde veio o nome da cidade.

Nenhuma diligência lhes era custosa, nenhum sacrifício.

Na estalagem de Mesnil-Villement, em 1816, o Sr. Galeron teve um almoço pelo preço de quatro soldos. Foram lá fazer a mesma refeição e verificaram com surpresa que as coisas já não se passavam assim!

Quem é o fundador da abadia de Saint-Anne? Existirá um parentesco entre Marin-Onfroy, que importou no século XII uma nova espécie de maçã, e Onfroy, governador de Hastings na época da conquista? Como arranjar *A Astuciosa Pitonisa*, comédia em verso de um tal Dutré-sor, feita em Bayeux, e actualmente muito rara? No reinado de Luís XVI, Hérambert Dupaty, ou Dupastis Hérambert, compôs uma obra, que nunca foi publicada, cheia de anedotas sobre Argentan — havia que encontrar essas anedotas. Que foi feito das memórias autografadas da Sr.<sup>a</sup> Dubois de la Pierre, consultadas para a história inédita de Laigle por Louis Dasprès, cura ecónomo de Saint-Martin? Tantos problemas, tantos pontos curiosos a esclarecer!

Mas, muitas vezes, um fraco indício abre caminho a uma descoberta inestimável.

Portanto, voltaram a vestir os seus guarda-pós para não chamar as atenções; e, sob a aparência de bufarinheiros, apresentavam-se nas casas pedindo para comprar papéis velhos. Venderam-lhes montes deles. Eram cadernos escolares, facturas, antigos jornais, nada de útil.

Por fim, Bouvard e Pécuchet dirigiram-se a Larsonneur.

Estava perdido no celtismo e, ao responder sumariamente às perguntas deles, fez outras.

Tinham eles observado em seu redor vestígios da religião do cão como se encontram em Montargis? E pormenores especiais, acerca das fogueiras de São João, dos casamentos, os ditados populares, etc.? Até lhes pedia que recolhessem para ele alguns

daqueles machados de sílex chamados então *celtae*, e que os druidas utilizavam «nos seus criminosos holocaustos».

Através de Gorgu arranjaram uma dezena, enviaram-lhe o menos grande – e os outros foram enriquecer o museu.

Por ele passeavam com amor, eles mesmos o varriam, dele tinham falado a todos os seus conhecidos.

Uma tarde, a Sr.<sup>a</sup> Bordin e o Sr. Marescot vieram vê-lo.

Bouvard recebeu-os e começou a demonstração pelo vestibulo.

A trave era nada mais nada menos do que a antiga forca de Falaise, segundo o marceneiro que a tinha vendido – o qual recebera esta informação do avô.

A grossa corrente no corredor era proveniente das masmorras do torreão de Torteval. Segundo o notário, era semelhante às correntes dos marcos diante dos pátios de honra. Bouvard estava convencido de que servira em tempos para amarrar os cativos. E abriu a porta do primeiro quarto.

— Porquê estas telhas todas? — exclamou a Sr.<sup>a</sup> Bordin.

— Para aquecer as estufas! Mas um pouco de ordem, se não se importam! Isto é um túmulo descoberto numa estalagem, onde o usavam como bebedouro.

Seguidamente, Bouvard pegou nas duas urnas cheias de terra, que era cinza humana, e aproximou dos olhos o frasquinho para mostrar por que método os Romanos nele derramavam pranto.

— Mas em vossa casa só se vêem coisas lúgubres!

Efectivamente era um pouco sério de mais para uma dama, e então tirou de uma caixa de papelão várias moedas de cobre, com um dinheiro em prata.

A Sr.<sup>a</sup> Bordin perguntou ao notário quanto poderia aquilo valer hoje em dia.

A cota de malha que ele estava a examinar escapou-lhe dos dedos; partiram-se anéis. Bouvard disfarçou o seu descontentamento.

Teve até a gentileza de desenganchar a alabarda – e curvando-se, erguendo os braços, batendo os calcanhares, fingia ceifar os jarretes de um cavalo, dar uma estocada como de baioneta,

derrubar um inimigo. A viúva, intimamente, achou-o um impetuoso mocetão.

Ficou entusiasmada com a cómoda às conchinhas. O gato de Saint-Allyre espantou-a muito, a pêra na garrafa um pouco menos. Depois, ao chegar à chaminé, disse:

— Ah, aqui está um chapéu que precisava de conserto.

Três buracos, marcas de balas, perfuravam-lhe as abas.

Fora de um chefe de ladrões do tempo do Directório, David de La Bazoque, apanhado em delicto de traição e imediatamente morto.

— Tanto melhor, bem feito! — disse a Sr.<sup>a</sup> Bordin.

Marcscot sorria diante dos objectos desdenhosamente.

Não compreendia aquela galocha que fora a insígnia de um mercador de calçado, nem o porquê do pipo de faiança, ou de um vulgar pichel de cidra; e o São Pedro, francamente, era lamentável com a sua cara de bêbedo.

A Sr.<sup>a</sup> Bordin fez esta observação:

— No entanto, deve-lhe ter custado bom dinheiro?

— Oh, não muito! Não muito!

Um pedreiro de ardósias tinha-o deixado por quinze francos.

Seguidamente, ela censurou, dada a inconveniência, o decote da dama de peruca empoadada.

— Onde está o mal — replicou Bouvard — quando se possui algo de belo? — e acrescentou mais baixo: — Como a senhora, decerto?

O notário virava-lhes as costas, estudando os ramos da família Croixmare. Ela não respondeu nada, mas começou a brincar com a sua comprida corrente de relógio. Os seios bombeavam-lhe o tafetá preto do corpete; e de pestanas um pouco cerradas, baixava o queixo, como uma rola a pavonear-se. Depois, com um ar ingénuo:

— Como se chamava esta senhora?

— Não se sabe! É uma amante do Regente... sabe, aquele que era tão dado a leviandades!

— Bem acredito! As memórias do tempo!... — E o notário, sem acabar a sua frase, deplorou aquele exemplo de um príncipe arrastado pelas suas paixões.



— Mas vocês são todos assim!

Os dois homens recalcitraram; e seguiu-se um diálogo sobre as mulheres, sobre o amor. Marescot afirmou que existem muitas uniões felizes. — Às vezes, até sem se dar por isso, temos junto de nós aquilo de que precisávamos para a nossa felicidade. A alusão era directa. As faces da viúva purpurearam-se; mas, recuperando quase imediatamente, disse:

— Já não estamos na idade das loucuras! Não é, senhor Bouvard?

— Oh, oh, eu não digo isso! — e ofereceu-lhe o seu braço para regressarem ao outro quarto. — Atenção aos degraus. Muito bem! Agora, observem o vitral.

Distinguia-se nele uma capa escarlata e as duas asas de um anjo – tudo o resto se perdia debaixo dos chumbos que mantinham em equilíbrio as numerosas fracturas do vidro. A luz diminuía; estendiam-se sombras; a Sr.<sup>a</sup> Bordin tornara-se grave.

Bouvard afastou-se e reapareceu embiocado num cobertor de lã e depois ajoelhou-se no genuflexório, cotovelos para fora, cara entre as mãos, com o clarão do sol a cair-lhe na calvície; e ele tinha consciência deste efeito, porque disse:

— Então não pareço um monge da Idade Média? — seguidamente, ergueu a fronte obliquamente, olhos aguados, fazendo com que o rosto tomasse uma expressão mística.

Ouviu-se no corredor a voz grave de Pécuchet:

— Não tenhas medo! Sou eu!

E entrou, com a cabeça completamente coberta por um capacete – um pote de ferro de orelhados pontiagudos.

Bouvard não saiu do genuflexório. Os outros dois permaneciam de pé. Passou-se um minuto de pasmo.

A Sr.<sup>a</sup> Bordin pareceu um pouco fria a Pécuchet. No entanto, ela quis saber se já lhe tinham mostrado tudo.

— Parece-me que sim... — e apontando para a parede: — Ah, perdão! Vamos ter aqui um objecto que está agora a ser restaurado.

A viúva e Marescot retiraram-se.

Os dois amigos tinham imaginado fingir uma concorrência. Iam às compras um sem o outro, o segundo fazendo ofertas

superiores às do primeiro. Pécuchet acabava de obter assim o capacete.

Bouvard felicitou-o e recebeu elogios a propósito do cobertor.

Mélie arranjou-o com cordões à maneira de cogula. Punham-no alternadamente para receber as visitas.

Tiveram visitas de Girbal, de Foureau, do Capitão Heurtaux, e depois de pessoas de mais baixa condição, Langlois, Beljambe, os rendeiros, e até as criadas dos vizinhos; e, de todas as vezes, repetiam as suas explicações, mostravam o lugar onde estaria a arca, fingiam modéstia, pediam indulgência para a acumulação de objectos.

Nesses dias Pécuchet punha o barrete de zuavo que em tempos tinha em Paris, considerando-o mais adequado ao meio artístico. A dado momento, punha o capacete e inclinava-o para a nuca para desimpedir o rosto. Bouvard não esquecia a manobra da alabarda; finalmente, com uma olhadela, perguntavam um ao outro se o visitante merecia que fizessem «o monge da Idade Média».

Que emoção quando parou diante da grade a carruagem do Sr. de Faverges! Ele vinha só para trocar duas palavras. Eis o que se passou.

Hurel, o seu administrador, contara-lhe que, ao procurarem documentos por toda a parte, haviam comprado papéis velhos na herdade da Aubrye.

Nada de mais verdadeiro.

Não tinham eles descoberto lá cartas do Barão de Gonneval, antigo ajudante-de-campo do Duque de Angoulême e que estivera na Aubrye? Desejava aquela correspondência por interesses de família.

Não estava em casa deles. Mas tinham na sua posse uma coisa que lhe interessava, se se dignasse acompanhá-los até à biblioteca.

Nunca aquelas botas envernizadas tinham estalado no corredor, e esbarraram contra o sarcófago. Por pouco esmagava várias telhas, virou o cadeirão, desceu dois degraus – e, chegados ao segundo quarto, mostraram-lhe, debaixo do baldaquino, diante do São Pedro, o pote de manteiga executado em Noron.